

COLISEU FIGUEIRENSE: 100 ANOS DE FESTA BRAVA

Saibam os que esta escriptura virem, que no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos noventa e cinco, aos vinte e cinco dias do mez de Março, n' esta cidade da Figueira da Foz e no cartorio a meu cargo sito à praça Oito de Maio, perante mim tabellião Elysio da Costa Duarte (...)

(...) Foi dito que todos e entre si se associavam provisoriamente, formando uma sociedade anonyma de responsabilidade limitada, que se denominará — Companhia do Colyseu Figueirense, com sua sede n' esta cidade cujo fim será construir no sitio denominado Alto do Viso (árros d' esta cidade), freguezia de Buarcos, um edificio devidamente apropriado, com suas dependencias e avenidas d' acesso, em terrenos que pertencem ao primeiro d' elles outorgantes e prestados por este, conforme o risco e planta respectiva, já confeccionados; e outro sim explorar o mesmo edificio destinando-o a exercícios tauromachicos, equestres, acrobaticos e semelhantes, revertendo os lucros respectivos em beneficio da sociedade; que o capital social será de dez contos de réis, subscripto em duas mil acções nominativas, cada uma do valor nominal de cinco mil réis, pagando-se quinze por cento no acto da subscripção, e o restante por entradas, nunca superiores a esta quantia (...).

Estava assim concretizada a Escritura Pública de Constituição Provisória da Sociedade Anónima "Companhia do Coliseu Figueirense".

Esta Companhia, criada em reunião de **23 de Março de 1895**, no Salão do Mercado Eng^o Silva, teve, portanto, como propósito fundamental a construção da Praça de Touros da Figueira da Foz, iniciativa que contou com entusiastas capazes de mobilizar toda a sociedade de então, sendo os principais o **Dr. João Antunes Pereira das Neves** e o **Dr. Aníbal Augusto de Melo**.

Incrível mesmo foi a maratona no avanço das obras, o que permitiu que a Praça fosse inaugurada nesse mesmo ano, em **25 de Agosto**.

Aliás, o historial do Coliseu figueirense e de todos os que a ele se encontram ligados, aparece muito bem desenvolvido no **Catálogo** oficial, elaborado pela Comissão Executiva do Centenário.



Ali encontramos fantásticas histórias desta já longa vida de lides tauromáquicas na Figueira, ficando ainda muito mais por registar, tal a profusão de memórias que

imediatamente se revelam quando conversamos com meia dúzia de "aficionados" mais empenhados neste acontecimento, os quais, por razões de tradição (familiar, normalmente) ainda mantêm viva a alma da festa dos touros.

Estão nesta condição os gémeos José Carvalho e Ricardo Carvalho, filhos do saudoso **Júlio Carvalho**, "o único homem do mundo capaz de correr para um touro, espetar-lhe um par de bandarilhas, ao mesmo tempo que executava um salto mortal por cima do animal", recorda Zé Penicheiro, amigo de longa data.

José Carvalho tem-se mostrado realmente incansável para que, de alguma forma, o Centenário do Coliseu Figueirense não passe dasapercebido às gentes desta terra. Ele e um grupo de carolas conseguiram - apesar de dificuldades não previstas se terem imposto a meio do percurso - concretizar as ideias-chave em que assentam as comemorações:

- Edição de um **Livro**, onde, entre outros, surgem os testemunhos de grandes nomes da tauromaquia portuguesa. Destaque aqui para o belo e sentido trabalho, com a assinatura de **Álvaro Cação Biscaia**.

- Edição de uma **Medalha** comemorativa, muito bem conseguida, como já é natural nas criações de **Francisco Simões**.

- Edição de uma **Serigrafia**, da autoria de **Zé Penicheiro** e que estará disponível para venda ao público a partir do dia 12 de Agosto.

- **Exposição** (na loja 8 do Edifício Portugal), onde, essencialmente, podemos admirar trajés de torneio (alguns de

alternativa), uma série de documentos e cartazes antigos e também uma componente de arte temática, com peças em técnicas variadas, bem demonstrativa do apoio que os artistas figueirenses resolveram dar a este evento. Sem querermos destacar qualquer dos participantes, é de referir que o logotipo oficial deste centenário é da autoria de **Zé Carlos** (o nosso querido Cartonista), o qual produziu também um "troféu" com o objectivo de recolha de fundos.

- Realização da **Corrida do Centenário**, integrada no Programa de Verão do Coliseu Figueirense.

AS MEMÓRIAS DO CENTENÁRIO

Para adquirir qualquer das peças que se encontram à venda, dirija-se à Loja 8 do Edifício Portugal. Admire esta exposição e compre o que mais lhe agrada, ajudando assim a resolver as despesas destas comemorações.

Para além das obras de arte expostas, pode ainda obter:

Medalha Comemorativa: 2.000\$00

Livro do Centenário: 1.500\$00

Troféu com Logotipo: 5.000\$00

Razão tinham, pois, todos os envolvidos nesta iniciativa, concluída a inauguração da referida exposição (com a presença de algumas entidades oficiais), manifestando o seu contentamento, não só pela adesão verificada, como pela certeza de que em consciência estão atingindo os seus principais objectivos para que todos comemoremos dignamente os cem anos da nossa Praça de Touros.



COLISEU FIGUEIRENSE: 100 ANOS DE FESTA BRAVA

CORRIDAS DE AGOSTO

Dia 6 de Agosto - 18 Horas
Cavaleiros

Manuel Jorge Oliveira
Pedro Franco
Gerard Pelin

Forcados de Tomar e de Coruche
Touros da Ganaderia Coimbra Barbosa

Dia 13 de Agosto - 18 Horas
Cavaleiros

Francisco Núncio
Marcos José
Francisco Cortes
Forcados de Moura e da Azambuja

Touros: 3 de Jorge Carvalho e 3 de Manuel José da Úrsula

Dia 20 de Agosto - 18 Horas CORRIDA COMEMORATIVA DO CENTENÁRIO

Cavaleiros
António Palha Ribeiro Telles
Luis Miguel da Veiga
João Salgueiro

Forcados de Lisboa e de Santarém
Touros do Vale Soraia (David Ribeiro Telles)

Para remate de bom humor, não resistimos a transcrever uma parte do texto noticioso do jornal "**O Povo da Figueira**", de **1 de Setembro de 1895**, incluído no Livro do Centenário:

"A inauguração do Coliseu Figueirense tão ansiosamente esperada, realizou-se com efeito no Domingo 25 faz hoje oito dias. A construção deste magnifico edificio parece quase um sonho, uma obra de varinha mágica, tal foi a rapidez, o afã e a estreiteza de tempo em que ele se levou a cabo.

Onde em Abril se via um areal, um trecho de terreno inculto, onde uma rara erva humilde e inútil vegetava mesquinamente, ergue-se agora um edificio sumptuoso, uma casa de espectáculos vasta e esplêndida.

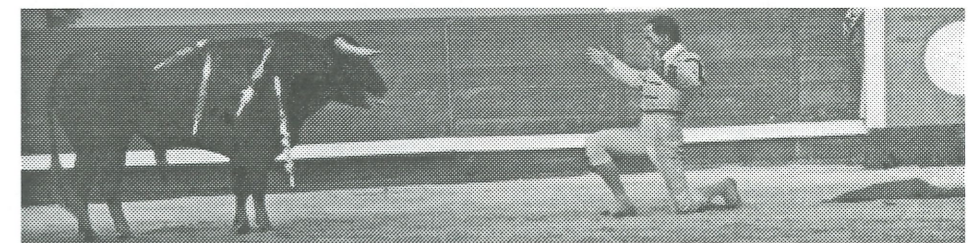
(...) Pouco depois das quatro e meia após a entrada do bando na arena e as cortesias do estilo começou a lide, sendo o primeiro touro farpeado pelo cavaleiro Alfredo Tinoco.

O boi que era regularmente matreiro não deu sorte ao cavaleiro colhendo-o contra a trincheira do lado sul sem fazer estrago de maior. Seguidamente Tinoco meteu-lhe algumas bandarilhas sofrivelmente. O segundo boi para cavalo, isto é, o quinto era bem pior do que o primeiro e não deu lugar a que Tinoco

brilhasse.

Os restantes seis bois que nos diziam ser puros saíram bons, melhores do que saíram os anteriores e se com eles não praticaram façanhas admiráveis, os bandarilheiros, não foi culpa dos pobres brutos. No entanto houve três artistas, Minuto, Calabaça e Teodoro que se distinguiram metendo bem alguns ferros.

As pegas, feitas pelo Valente (e neste adjectivo assenta bem) do grupo de forcados



da praça de Algés, comandados pelo cabo Jacaré, foram quase todas boas e felizes.

Alguns bois tiveram a fantasia de saltar a trincheira falsa o que dava lugar a episódios de susto e gargalhada e o que concorreu também para que a tourada se prolongasse um pouco mais porque afinal o toureiro de oito animais, certamente que não preenche a tarde.

No dia 26 realizou-se a segunda corrida que embora com muito menos afluência de espectadores, o que se

explica por ser dia de trabalho, foi talvez mais animada e por vezes cortada de entusiasticos aplausos e toda ela cheia da mais viva alegria. Foi em quase tudo um contraste com o dia anterior.

Estava talvez meia casa e no sol apenas uma parte se encheu, aquela que depois de certas horas goza do beneficio cómicos da sombra. A sombra estava regular e os camarotes e balcão vistosamente preenchidos pelas damas e graciosas crianças e cavalheiros da terra e adventícios.

Alfredo Tinoco farpeou o primeiro e quinto touros no que foi talvez mais feliz do que na primeira tarde. Os demais artistas não puderam realmente brilhar, porque o gado (com excepção de um boi) de que se esperava bastante, faltou. O último touro era genuinamente matreiro, mostrando logo conhecimento das arenas.

Com licença da respectiva autoridade, o Sr. Mário Duarte da Anadia, distinto aficionado, desceu à arena e colocou magistralmente um par de bandarilhas no 3º ou 4º touro se não nos enganamos.

Um amator espanhol cheio de ardor tauromáquico e não sabemos se de mais alguma coisa, faz uns passos de muleta e com tanta facilidade, que o boi nunca se resolveu a castigá-lo a ousadia. Nem por isso deixou de colher aplausos, em todo o caso, muito inferiores aos que recebeu e com justiça o Sr. Mário Duarte. O grupo de forcados portou-se valentemente, sendo admiravelmente feita uma pega de costas.

Nas duas tardes, dirigiu habilmente as corridas, o Sr. Jaime Henriques, Inteligente da Praça de Algés.

A polícia foi feita sob a direcção do Sr. Pedro Ferrão, comissário da policia civil de coimbra.

Na tarde de domingo assistiu ao torneio o Sr. Conselheiro Neves e Sousa

e o Governador Civil do Distrito que para isso viera expressamente. Em ambos os espectáculos não houve a menor alteração da ordem o que talvez foi pena - para haver mais um bocadinho de animação e atendendo a que as nossas tremendas alterações e rixas, nunca passam de palavreado".

Delicioso. Assim começou a vida do Coliseu Figueirense. Há cem anos.